

Os desafios e as novas travessias da Linguística Aplicada no contexto brasileiro da Cultura Digital

The challenges and new crossings of Applied Linguistics in the Brazilian context of Digital Culture

Francisco Jeimes De Oliveira Paiva¹

BUZATO, Marcelo El Khouri. (Org.). *Cultura Digital e Linguística Aplicada: Travessias em linguagem, tecnologia e sociedade*. Campinas/São Paulo: Pontes Editores, 2016. 207p.

As práticas (multi)letradas digitais na contemporaneidade vem se configurando a partir de vários fenômenos de linguagem, informação e tecnologização, impulsionados por uma série de relações entre a linguagem, as tecnologias e o ensino/aprendizagem construídos por diversos sujeitos, sobretudo no contexto escolar, em que o trabalho professoral com a leitura e a escrita requerem uma constante inclusão digital, tanto de alunos(as) quanto de professores(as) no desenvolvimento dos letramentos digitais, cada vez mais necessárias à educação linguística, à formação docente e aos processos de mediação tecnológica nas várias instâncias sociais de interação, comunicação e informação humanas e não humanas.

Dessa forma, a obra *Cultura Digital e Linguística Aplicada: Travessias em linguagem, tecnologia e sociedade*, organizada por Marcelo Buzato, que é Doutor em Linguística Aplicada (Unicamp) e também professor da mesma Universidade, nos traz, numa perspectiva inter e transdisciplinar, uma Linguística Aplicada (LA) engajada quanto aos “problemas trazidos pelos processos de mundialização e hipertecnologização da vida cotidiana” (p. 8); uma coletânea de textos escritos por jovens pesquisadores comprometidos por objetos de pesquisa ligados à cultura digital, buscando perceber e compreender como funcionam as tecnologias na sociedade atual; bem como permite visualizarmos quais são os impactos das práticas digitais de linguagem ou letramentos digitais na vida desses sujeitos e/ou usuários da língua.

A obra é estruturada em três partes, designadas *aglomerados*. No primeiro, “Colaboração, Produtos, Processos”, abordam-se três textos que enfatizam a observação das práticas digitais em contextos de enunciação bem específicos, a partir da produção colaborativa em redes digitais que têm favorecido o surgimento de “novas” formas textuais

¹ Mestrando pelo Programa Interdisciplinar em História e Letras, da Universidade Estadual do Ceará. Mestre em Teologia (2016). Especialista em Língua portuguesa e Gestão Escolar e Práticas Pedagógicas. Licenciado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará. Bacharelado em Administração Pública Unilab/ICSA/UAB/CE. Professor efetivo de Língua Portuguesa e Literaturas da Seduc/CE.

e/ou de aprendizagem”. (p. 11), culminando em inúmeras possibilidades de os indivíduos aprenderem a educar-se tecnologicamente. No segundo, “Espaço, Identidade, Conexões”, compõe-se de apenas dois textos que enaltecem os fenômenos e práticas de linguagem no viés das tecnologias digitais, possibilitando uma melhor compreensão das novas possibilidades de interações entre os sujeitos em ambientes digitais advindas da “globalização digitalizada”. Por fim, no *aglomerado* “Estética, Ética, Cibernética”, são apresentados os dois últimos estudos acerca de várias situações corriqueiras em que as relações e as atividades discursivas entre o cultural e o computacional dos brasileiros tornaram-se produto social de uma “computadorização da cultura” na era da globalização digital.

Os autores do primeiro *aglomerado* discutem, com muita destreza, aspectos relacionados à mediação pedagógica, apropriação de tecnologias para a prática da comunicação social, bem como a reflexão metodológica acerca de uma(s) concepção(ões) de linguagem(ns) presente(s) nos textos digitais em interlocução com as práticas discursivas e com o consumo de textos em diversas práticas e/ou atividades demandadas na era da cultura digital. O texto de abertura “Mediação, interação, compreensão: fazendo a diferença entre colaborar e cooperar”, da autora Débora Coser, salienta a comparação do funcionamento de plataformas Busuu e Galanet na mediação tecnológica e pedagógica que objetivem numa aprendizagem de línguas on-line em que os usuários trabalhem de forma colaborativa e cooperativa, resultando na diversificação dos “modos de o aprendiz agir e aprender em diferentes situações e/ou contextos de prática colaborativa online”. (p. 21).

Nesse contexto, a jovem pesquisadora demonstra como a participação colaborativa é salutar, para que os sujeitos aprendam a lidar com interlocutores reais e conteúdos significativos em línguas-alvo em determinadas comunidades virtuais mais estabilizadas. Por isso, ela considera que

Nessas situações, cabe aos usuários/aprendizes não somente compreender a língua-alvo ou desenvolver fluência nela, mas, mais concretamente, traçar trajetórias individuais de aprendizagem por via do acionamento consciente de sua capacidade agentiva (BUZATO, 2008; 2013), vinculado seus interesses individuais aos objetivos coletivos”. (p. 19).

Alinhada a essa concepção de mediação, Coser ressalta que, nessas plataformas, uma nova identidade dos aprendizes é constituída devido às conexões dos usuários com novos elementos didáticos e institucionais, bem como pelo interesse em aprender a língua do outro, além de percorrer caminhos da “translação gerenciados por coletivos híbridos, sujeitos a movimentos de estabilização e desestabilização sucessivos”. (p. 25).

A autora, por fim, enaltece a importância atual dessa mediação tecnológica na cultura digital para o ensino de línguas, na tentativa de que os aprendizes possam estreimar as relações criadas entre pessoas com as mídias e seus conteúdos, fornecendo aos educadores efetivas “pedagogias de aprendizagem colaborativa de línguas” para desenvolver atividades cooperativas e participativas com “os usuários das novas mídias na cultura digital”. (p. 41).

Na esteira da prática de comunicação social, Nayara Barros, em “Curadoria Digital como hibridização entre narrativa e banco de dados: apropriação pela mídia tradicional e participação de outras vozes”, avalia a forma como um jornal *O Estado de S. Paulo* emprega a curadora digital para abranger usuários de redes sociais na produção de um objeto digital, denominado *story*, que é “um híbrido de notícia-repercussão apoiado na forma híbrida narrativa-banco-de-dados”. (p. 12).

Dessa forma, surge no contexto da cultura digital um espaço de negociações em que os papéis e as relações de poder entre jornalistas, leitores, anunciantes e concorrentes devam possibilitar a apropriação tecnológica intermediada por operações curatoriais, dando vozes a sujeitos antes excluídos dos ambientes digitais de produção e circulação de textos.

A despeito das inovações advindas da curadoria digital, a autora ressalta que “estudar curadoria digital é estudar uma prática que integra o humano e não humano na geração de uma memória que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva”. (p. 46). Além do mais, a *story* produzida na plataforma *Storify* pode ser considerada como “um agregado multimodal em forma de texto, diagramado em coluna e publicado na plataforma”. (p. 46).

Nesse estudo, a perspectiva defendida pela autora nos faz entender a necessidade de se apropriar dessas tecnologias que são produzidas e transformadas para fins específicos, uma vez que são capazes de permitir o alastramento de diversos conhecimentos coletivos, colaborativos e compartilhados com quem os produzem em relação a quem os manuseiam em contextos reais de interação sociodiscursiva.

Enfim, é crucial as atividades de curadoria digital promovidas por jornalistas, ou seja, por agências de letramentos que procuram, hoje, convergir com as mídias e com a cultura digital na tentativa de produzir variados formatos textuais digitais estrategicamente construídos pela hibridização de narrativas com propósitos de descentralizar cada vez mais a produção e a distribuição de conteúdos multimidiáticos na internet.

Encerrando o primeiro aglomerado, Rafael Sachs propõe, metodologicamente, propostas de análise acerca da concepção de linguagem que adota, sobretudo, diante de textos multimodais digitais vistos como um processo de análise em escalas diferentes. Para

isso, ao analisar *mashups* oriundos de páginas do Facebook durante as Jornadas de Junho, o autor salienta que a “[...] multimodalidade amplia as possibilidades para esse tipo de análise” do discurso digital não tido apenas como ferramenta para verificação em determinado texto/evento, mas também como recurso “de *olhar muito além dos eventos imediatos*, quaisquer que sejam, para realmente poder compreendê-los em sua complexidade”. (p. 70).

O pesquisador, embasado em alguns estudos, acentua que “[...] os textos produzidos em mídias digitais, a partir de técnicas de *sampleagem*, *montagem* e *colagem*, tendem a evidenciar mais claramente do que textos impressos o *percurso semiótico* de sua construção”. (p. 70). Vale ressaltar que, para o autor, todo conteúdo digitalizado tem apresentado diversas versões que embora se apresentem como iguais, são reconfigurados diariamente em cada aparelho e em cada situação em que seja preciso requisitá-los. Tudo isso, foi constatado por ele ao perceber que os *mashups*, ao mesmo tempo em que

[...] materializam pela linguagem tentativas de estabilização de definição do que estava acontecendo na esfera pública, davam margem à discussão acerca dos interesses agregados no movimento, porém não devidamente pactuados ou negociados em torno de um ponto de passagem obrigatoriamente comum. (p. 80).

Finalmente, Sachs evidencia nesta pesquisa algumas reflexões entre o texto e o contexto por meio da análise de diferentes códigos semióticos em atividades de produção e consumo entre sujeitos intratextuais em relação aos textos multimodais digitais. Dessa forma, insurge a necessidade de uma educação linguística que democratize esse *percurso semiótico* com o manuseio de textos multimodais pelos jovens, fazendo-os pensar o texto digital de maneira com que o ensino de língua materna se efetive, de fato, incorporando as novas tecnologias digitais nas diversas instâncias de interação humana e tecnológicas.

O autor encerra esse *aglomerado* de trabalhos argumentando que existem, sim, ganhos reais ao se empregar teorias que trabalhem a linguagem digital “como processo de forma explícita e radical” (p. 98), tendo na análise de textos como o *remix* e o *mashup*, uma empreitada de aprendizados, subsidiando o acesso à cultura digital no que se refere aos processos de *translação* e *ressemiotização* com textos multimidiáticos.

Mais adiante, no segundo *aglomerado*, intitulado de “Espaço, Identidade, Conexões” são desvendadas pesquisas que destacam os atuais fenômenos de língua(gem) na seara da inserção das tecnologias digitais na contemporaneidade. É visível como essas tecnologias têm trazido inúmeros subsídios e ferramentas de *comunicação mediada por computador* (CMC), criando uma maior interação entre os usuários em contextos virtuais de construção da identidade e

da aprendizagem na medida em que as pessoas se apropriam dessa cultura digital imposta pela *globalização digitalizada*.

Nesse sentido, Bárbara Gallardo, em “Construções identitárias no facebook de professoras brasileiras em formação” avalia como os “avanços tecnológicos, o surgimento da cultura digital e a expansão dos fenômenos da globalização possibilitaram a formação de novas subjetividades” tão necessárias num contexto espaciotemporal cada vez mais dinâmico, multimodal e tecnológico que tem requerido uma reflexão constante no âmbito escolar e social acerca da “relação entre as identidades construídas em um novo meio de comunicação e a identidade do professor crítico de línguas”. (p. 106).

A autora evidencia, portanto, quais seriam as estratégias usadas para a construção discursiva das identidades de professoras em formação no Facebook, tendo, na perspectiva da Análise Crítica de Discurso, instrumentos de análise crítica para se compreender a recorrência das escolhas dos elementos léxico-gramaticais, imagens e recursos tecnológicos e semiótico-discursivos que foram utilizados pelas participantes nesses ambientes digitais na consecução de uma aprendizagem tecnológica satisfatória e efetiva com as línguas estrangeiras diante dessas novas práticas e desdobramentos da cultura digital.

Numa assertiva contrária às teorias de base sócio-histórica que, geralmente, orientam pesquisas sobre aprendizagem escolar no Brasil a uma vertente socioespacial da geografia pós-moderna, Camila Scheifer, em “Espaço-temporalidade e construção de sentidos em uma rede de letramentos: uma análise de transposições semiótica-materiais”, traz um profundo estudo, enfatizando que é preciso rever a maneira como os letramentos e a aprendizagem com as tecnologias digitais têm sido tratadas como um “amalgama de espaço-temporalidades sobrepostos e concorrentes”. (p. 127). Isso significa compreender que esse espaço-temporalidade vai além de um “vácuo social preexistente às práticas de linguagem em favor de uma concepção que assuma o espaço como dinâmico, contingente e performativo, ou seja, como uma prática social”. (SCHEIFER, 2015).

Essa pesquisadora avalia, por fim, como se dão as travessias espaciais e semióticas em diferentes espaços de construção, visando “mobilizar letramentos, textos, discursos, atores, mídias e modalidades” (p. 131) na tentativa de melhorar o desempenho escolar de alunos, possibilitando uma conexão social e integrada das relações semiótico-culturais entre processos de significação, posicionamentos e redes de letramentos, consequência essa da incorporação das tecnologias digitais comunicação e informação (TDICs) nas práticas de linguagem corriqueiras da vida contemporânea.

Enfim, no último *aglomerado*, “Estética, Ética, Cibernética”, Dáfnie Silva e Marcelo Buzato buscam analisar os aspectos éticos e estéticos do convívio de brasileiros com a cultura digital, bem como entender a que práticas discursivas esses sujeitos recorrem e usam na denominada *computadorização da cultura* na era da informação e globalização.

A primeira pesquisadora enfatiza os processos de transmutação e transcodificação cultural em gêneros digitais usados por jogadores em ambientes digitais, limitando-se ora na *camada computacional* ora na *camada cultural*, no sentido de compreender a ação desses agentes cibernéticos em uma plataforma textual de produção colaborativa. O segundo, Buzato, destaca as transformações ocasionadas pelas tecnologias no contexto pós-social de encontros pós-humanos, em que os cidadãos/consumidores e instituições públicas/privadas se comportam e interagem diante da cultura digital em que todos estão, hoje, sendo mediados por um *sistema de atendimento computadorizado*, no qual o biológico e o cibernético acoplam-se a essa nova *realidade aumentada*.

A abordagem produtiva deste livro com as práticas letradas tecnológicas necessárias nessa nova cultura digital na pós-modernidade, defendida pelos autores acima, coaduna com a visão de Heinsfeld e Pischetola ao salientarem que

na perspectiva da cultura digital, educadores e aprendentes trabalhariam em consonância com as tecnologias digitais, a escola assumindo o papel de orientar, guiar e apoiar os esforços dos alunos frente aos novos significados e às estruturas do mundo virtual, além de explorar suas potencialidades. (HEINSFELD; PISCHETOLA, 2017, p. 1356).

Diante de tudo que foi exposto, retomando a necessidade de tecnologização dos diversos sujeitos sociais, ficam claras as contribuições inter/transdisciplinares que esta obra oferece, sobretudo aos jovens estudantes de letras e linguística, bem como a todos os leitores/estudiosos que se interessam em estudar tecnologias digitais, gêneros, mídias, recursos didáticos etc., visando se apropriarem de subsídios teórico-metodológicos tão eficazes trazidos por esta edição, tendo em vista a atual conjuntura em que a cultura digital tem requerido novas práticas discursivas com o trabalho e com a mediação de textos digitais nesses diversos contextos de construção de saberes escolares, acadêmicos, científicos, entre outros.

REFERÊNCIAS

- HEINSFELD, Bruna Damiana; PISCHETOLA, Magda. Cultura digital e educação, uma leitura dos Estudos Culturais sobre os desafios da contemporaneidade. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 12, n. esp. 2, p. 1349-1371, ago./2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n.esp.2.10301>>. E-ISSN: 1982-5587.
- SCHEIFER, Camila Lawson. Pela (Re)Afirmção do Espaço na e para além da Linguística Aplicada: Apontamentos teóricos e empírico-metodológicos. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (Online)*, v. 31, p. 223-252, 2015.